

QUESTÕES DE SUBJETIVIDADE E DE INTERCULTURALIDADE NO ENSINO/ APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Márcia Atalla Pietroluongo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O aprendizado de uma língua estrangeira suscita inúmeras dificuldades, quando não, verdadeiros impasses, ao mobilizar simultaneamente diferentes dimensões do sujeito. Se for levado a cabo, ele terá profundas incidências sobre a cognição do aprendiz, sua forma de pensar; sua expressão, sua forma de dizer-se e de dizer o mundo; seu comportamento e ações; e sua sensibilidade, sua forma de sentir. Fundando-nos nos estudos de Revuz (2001), Charaudeau (2005) e Serrani (2005) que apontam para questões de interculturalidade e de resignificação da subjetividade, permanentes nessa vivência do bilinguismo e do biculturalismo, ilustraremos esse processo singular a partir da pesquisa de Orsoni (2003), mas também de trechos de vlogs do YouTube, sobretudo, de franceses que moram ou moraram no Brasil e que relatam meandros de suas ricas vivências.

INTRODUÇÃO

Quando projetamos aprender uma língua estrangeira pelas razões mais diversas, lançando mão de todas aquelas razões práticas que colecionamos para

justificar um desejo ou uma necessidade, e mesmo que esse aprendizado se resuma a conhecimentos rápidos e mais superficiais, respondendo apenas a uma premência mais pontual, essa vivência já pode se mostrar instigante por abrir nosso universo mental e nos dotar de traços de uma nova cultura, ricos em curiosidades e possibilidades. Contudo, o panorama será radicalmente diverso, se nos envolvermos plena e profundamente numa aprendizagem continuada dessa língua estrangeira, com abertura e verdadeiro interesse pelas diferenças, e se permitirmos que essa experiência nos tome completamente com alegria e disponibilidade de acolhimento do outro dessa língua-cultura. De fato, ainda que não tenhamos total consciência desse processo, estaremos imersos numa situação única e irreversível, estruturadora do nosso psiquismo em novas bases: uma aventura subjetiva se avista que nos transformará para sempre.

“Somos feitos de uma matéria de língua tanto quanto de sonho. E os dois são indiscerníveis. Somos inseparáveis de nossa língua. Tudo o que nos acontece, poeticamente, politicamente nos acontece na e pela língua”,⁸⁶ salientava o teórico da linguagem, ensaísta, tradutor e poeta francês, Henri Meschonnic (1997, p. 9). Nossa língua primeira nos é a tal ponto consubstancial que dificilmente nos distanciamos dela, raramente recuamos o suficiente para vê-la de fora com um olhar tomado pelo estranhamento. Essa experiência desconfortável para alguns, fascinante para outros, insuportável para tantos é provocada necessariamente pelo aprendizado de uma língua estrangeira e intensificada na medida, mesmo em que avançamos nesse conhecimento.

Como afirma, Christine Revuz em seu artigo “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio” (2001, p. 217):

Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua. Mas antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional. Se não se escamoteia essa dimensão, é claro que não se pode conceber a língua como um simples “instrumento de comunicação”. É justamente porque a língua não é em princípio, e nunca, só um “instrumento” que o encontro com uma outra língua é tão problemático, e que ele suscita reações tão vivas, diversificadas e enigmáticas.

Revuz constata que a taxa de insucesso no aprendizado é alta e que a maioria das pessoas não chega a ter um conhecimento mais sólido de outra língua. A aprendizagem de uma língua estrangeira é passível de suscitar muitos melindres

⁸⁶ São minhas todas as citações de obras e artigos em língua francesa, salvo aqueles publicados em língua portuguesa.

na medida em que vai exigir um trabalho subjetivo em diferentes âmbitos, cada um deles já sendo em si bastante complexo. Aquele que se arvora à vivência desse aprendizado vai precisar mobilizar simultaneamente sua expressão oral e escrita, sua capacidade de tomada de palavra diante de outros numa língua que não domina; sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo; sua relação com seu corpo e as possibilidades que tem e/ou deseja ter de interiorizar os sons e ritmos da outra língua fazendo corpo com a língua do outro, incluindo-se aí seus gestos e ações corpóreas; sua relação com o saber, enunciando o mundo a partir de estruturas linguísticas e discursivas diversas.

Entretanto, o fascínio que essa experiência produz faz com que muitos consigam atravessar essas dificuldades e ir além, entregando-se completamente ao processo. E como afirmamos, tal vivência, quando não se limita a uma aprendizagem superficial e instrumentalizada, não nos deixará incólumes, nos adentramos nessa aventura sem termos uma verdadeira ideia do que pode estar prestes a acontecer, pois não é possível aprender uma língua estrangeira sem permitir que uma certa violência simbólica se instale. Ainda que não saibamos – e nunca é demais insistir, em função da radicalidade dessa experiência subjetiva –, o projeto de aprender outra língua nos modificará para sempre e terá profundas incidências sobre nossa cognição, nossa forma de pensar; nossa expressão, nossa forma de dizer; nosso comportamento, nossa ação no mundo; e nossa sensibilidade, nossa forma de sentir.

Ilustraremos esse processo a partir da pesquisa de Orsoni (2003), mas também de trechos de vlogs do YouTube, sobretudo, de franceses que moram ou moraram no Brasil e que relatam meandros de suas vivências, apontando para questões de interculturalidade e de resignificação da subjetividade que são permanentes nessa vivência do bilinguismo e do biculturalismo.

ILUSTRAÇÕES E ANÁLISES

Observem a descrição dessa experiência feita pelo parisiense Paul Cabannes em seu canal do YouTube com o mesmo nome, em seu vídeo “Após 5 anos no BR, como me sinto?”:⁸⁷

Eu vou te dar um exemplo, nos primeiros anos que você mora num país que é estrangeiro, você pode até saber o que a pessoa vai fazer em tal contexto. Você sabe como a pessoa vai reagir, você sabe o tipo de coisa que ela vai dizer, você conhece as regras, a etiqueta, essas coisas assim. Porém, o que acontece depois de 4 ou 5 anos é ainda melhor, é que não somente você sabe o que ele vai fazer, mas também você sabe porquê, você entende a raiz do pensamento, você entende a raiz do comportamento.

⁸⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=Pn-HghoIoGQ&list=WL&index=17>.

Agora tem umas conseqüências negativas. A primeira delas é que você não é mais... no meu caso, não sou mais francês. Como dizer? Eu não sou, eu não sou mais francês, porque eu estou aqui, beleza, eu entendo a cultura brasileira, mas não sou 100% brasileiro também, eu me sinto diferente ainda. Mas também quando eu vou pra França, eu não me sinto 100% francês, porque, porque, porque tem comportamentos que eu não me identifico mais. Às vezes, eu vejo os caras lá e eu falo eu não sou mais daqui mesmo, sabe? Eu... não...

[...]

O lado bom é que você tem duas personalidades e isso é maravilhoso, é como se você tivesse o windows e o linux, o android e o iPhone ao mesmo tempo, entendeu? Isso é bom, isso é maravilhoso, porque, na verdade, a língua, ela carrega também a cultura dela. Você não pensa igual em português e em francês. Eu sei que parece esquisito falar isso, mas é a verdade. Você não pensa do mesmo jeito. A estrutura da língua, ela também carrega a estrutura do pensamento e a estrutura de uma cultura inteira.

Então, assim, se você fala duas línguas e você é fluente, e você ainda mais morou vários anos nessa cultura, que é o ponto que eu estou falando, então você também ganhou esses dois programas na sua cabeça. Isso é maravilhoso, cara, isso é maravilhoso, porque você vira uma pessoa muito mais aberta [...].

Essa experiência subjetiva do bilinguismo e do biculturalismo aprofundada pode ser vivida como um processo de “dupla personalidade” que pode trazer inúmeras vantagens para quem a vive, e também pode representar uma porta que se abre para uma outra dimensão de si, uma autorização para se expressar e transbordar seus sentimentos, uma lufada de luz que permite que o sujeito desabroche e explore outras potencialidades em si que estavam apagadas em sua língua de origem. Essa experiência pode ser vivida como libertadora, como podemos constatar no relato abaixo de Laetitia, uma marselhesa, em seu vídeo “Como o Brasil me mudou”,⁸⁸ de seu canal do YouTube, Uma Gringa no Brasil:

Aqui eu descobri que eu poderia ser eu de verdade, quem eu sou, tipo uma pessoa muito expressiva, que gosta muito de tocar as pessoas, que gosta gritar, que gosta fazer barulho. Isso você não pode na França, porque os franceses não falam muito alto, os franceses não fazem muito carinho, muito beijo, os franceses não se tocam. E pra mim na França tava um pouco difícil, mas eu não tive como comparar porque eu foi nesse mundo a vida toda. As pessoas me achavam muito estranha. Aqui tipo eu sou muito normal e aí eu consegui ser mais, porque esse mais, ele é normal.⁸⁹

Entretanto, esse alívio descrito por Laetitia, essa autorização para ser quem ela é nem sempre é vivido da mesma maneira por todos aqueles que se dedicam ao aprendizado de uma língua estrangeira. Muito ao contrário, esse processo que

⁸⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=xoepLg8P5VQ>.

⁸⁹ A transcrição dos vídeos foi feita respeitando-se o máximo possível o modo de falar próprio dos estrangeiros em português do Brasil.

implica em parte uma despersonalização, e que vem necessariamente questionar as bases subjetivas de nossa personalidade em nossa língua materna, é não raro sentido como arriscado e perigoso. Christine Revuz, no artigo supracitado salienta:

Nem todo mundo está pronto para essa experiência. Ela representa para alguns aprendizes um perigo que eles evitam... evitando aprender a língua. Alguns porão em funcionamento a estratégia da peneira: eles aprendem mas não retêm quase nada ou muito pouco. Outros adotarão a estratégia do papagaio: sabem de memória frases-tipo, conseguem mais ou menos “exprimir-se” em áreas bem delimitadas (vocabulário técnico, por ex.), mas não se permitem nenhuma autonomia na compreensão ou na expressão. Para outros, será a estratégia do caos: a língua estrangeira ficará eternamente um acúmulo de termos não organizado por regra alguma, o que os condena a um galimatias pseudo-infantil mais ou menos eficaz. Outros finalmente evitam toda distância em relação ao eu da língua materna, rejeitando todo contato direto com a língua estrangeira. Frequentemente apaixonados pela gramática, procuram reduzir a aquisição da língua a procedimentos lógicos e somente podem compreender um enunciado em língua estrangeira se cada termo foi traduzido em língua materna. Para se expressarem recorrerão (em sentido inverso) ao mesmo processo extenuante e ineficaz. Tem-se então o sentimento de que todo tatear da intuição é insuportável, e de que o sentido deve ficar escrupulosamente limitado às fronteiras das palavras da língua materna.

Tudo se passa como se a tomada de distância em relação à língua materna, que resulta de falar corretamente uma língua estrangeira, fosse impossível. esse impossível não tem a mesma fonte, nem a mesma significação para cada pessoa, mas, parece-me, está sempre ligado à ruptura e ao exílio. Segundo a pessoa, essa ruptura pode ser temida e evitada, pode ser procurada por ser salvadora, ou pode ser tensão dolorosa entre dois universos. (REVUZ, 2001, p. 225-226)

Todo professor de língua estrangeira reconhece rapidamente essas estratégias de evitamento descritas por Revuz, as estratégias da peneira, do papagaio, do caos, os entusiastas da gramática que são exímios em preencher exercícios, mas têm uma grande dificuldade na passagem para o discurso, não conseguindo formular parágrafos bem concatenados nem oralmente nem por escrito. O professor de LE está diante do desafio de permitir que o aspirante a aprender a língua estrangeira entre nesse aprendizado a partir de seus interesses e motivações sem deixá-lo, contudo, se limitar apenas ao escopo desses objetos primeiros, promovendo o ensino não apenas de estruturas gramaticais e linguísticas, mas também textuais, discursivas e situacionais, colocando o aluno diante da heterogeneidade e das diferenças socioculturais nas práticas enunciativas e relacionais de uma língua-cultura para outra.

Nas palavras de Silvana Serrani (2005, p. 17-18),

A formação de um docente de línguas como interculturalista requer capacitação para que ele não conceba seu objeto de ensino – a língua – como um mero instrumento a ser “dominado” pelo aluno, segundo progressões de complexidade apenas morfosintática ou de apresentação de situações “comunicativas”. O perfil do interculturalista, sensível aos processos discursivos, requer que o profissional considere especialmente, em sua prática, os processos de produção-compreensão do discurso, relacionados diretamente à identidade sociocultural. Cabe lembrar aqui que o descentramento da subjetividade introduzido pela noção de inconsciente e pela concepção polifônica da linguagem problematiza a concepção tradicional – monolítica – de identidade sociocultural.

Segundo Patrick Charaudeau (2005),⁹⁰ longe de se assentar numa essência, a identidade cultural se inscreve numa mecânica de descoberta de si que está estreitamente vinculada à relação com o outro num dado contexto histórico e social. A consciência identitária nasce, segundo o linguista, a partir da percepção da diferença que pode acarretar um duplo processo de atração e/ou de rejeição:

Vê-se o paradoxo no qual se constrói nossa identidade. Precisamos do outro, do outro em sua diferença, para tomarmos consciência de nossa existência, mas ao mesmo tempo desconfiamos dele, temos necessidade de rejeitá-lo ou de torná-lo semelhante a nós para eliminar essa diferença. Mas com o risco de o tornarmos semelhante a nós, e assim perdermos nossa consciência identitária, uma vez que esta não se concebe senão na diferenciação, e se o rejeitarmos, não temos mais ninguém para fundar nossa diferença. Donde esse jogo sutil de regulação que se instaura em todas as nossas sociedades (mesmo as mais primitivas) entre aceitação e rejeição, valorização e desvalorização do outro, reivindicação de nossa própria identidade contra a do outro. Portanto, não é simples ser si mesmo, pois ser si mesmo passa pela existência e pela conquista do outro.

Esse encontro de si com o outro é tanto feito de ações realizadas pelos indivíduos quanto dos julgamentos que eles emitem justificativos de suas ações, de si e dos outros. Em outras palavras, o indivíduo e os grupos constroem sua identidade tanto através de seus atos quanto das representações que têm deles. Essas representações tomam a forma de imaginários coletivos, e esses imaginários dão conta dos valores partilhados pelos indivíduos, valores nos quais eles se reconhecem e que constituem sua memória identitária.

São muitos esses imaginários sociais. Ilustraremos aqui através de depoimentos, mas igualmente através da pesquisa de Orsoni (2003) alguns imaginários interculturais sobre a língua, o tempo, o espaço, sobre o corpo e as relações sociais, mas também imaginários relativos à ascendência ou linhagem e à relação para com as leis.

Começemos pelos imaginários sobre a língua e o discurso. Patrick Charaudeau (2005) defende que, embora a língua seja fundamental para a constituição da

⁹⁰ <http://www.patrick-charaudeau.com/Reflexions-sur-l-identite,119.html>.

identidade coletiva garantindo a coesão social de cada comunidade, é o discurso que a coloca em movimento trazendo as especificidades culturais. Ele afirma que “não são tanto as palavras em sua morfologia nem as regras de sintaxe que são portadoras de cultural, mas as maneiras de falar de cada comunidade, as formas de empregar as palavras, as maneiras de raciocinar, contar, argumentar, de fazer graça que o são”.⁹¹

Num interessante estudo de Jean-Luc Orsoni (2003), intitulado *Pistas de trabalho para uma comparação dos discursos em português do Brasil e em francês*, há uma total concordância com as ideias de Charaudeau já apontadas. Para o professor do Lycée Pasteur de São Paulo,

[...] não são as palavras ou a sintaxe que são os únicos portadores de alteridade cultural, mas, sobretudo, os usos que se faz para argumentar, contar, administrar, informar etc. É na verdade o discurso que vai marcar essas diferenças.

Se as intenções discursivas podem ser as mesmas entre duas culturas (convencer, informar ou contar), as estratégias aplicadas para um determinado uso poderão não ser semelhantes. Na verdade, essas estratégias marcam diferenças nas intenções próprias a cada uma das culturas (ORSONI, 2003, p. 131-132).

Orsoni ilustra com exemplos especificidades culturais importantes na comparação entre o discurso francês e o brasileiro. Ele compara a *comunicação de uma decisão ou de um acontecimento difícil* entre 10 franceses e 10 brasileiros, situação que implica uma carga emocional significativa, perguntando-lhes como eles agiriam diante da necessidade, por exemplo, de comunicar a perda de um ente próximo. O resultado da enquête constata diferenças culturais fundamentais nas estratégias adotadas.

Oito entre dez franceses buscaram principalmente as palavras que deveriam utilizar para anunciar o acontecido, desvencilhando-se rapidamente da carga emotiva, enquanto nove brasileiros procuravam preparar a pessoa e/ou levá-la a adivinhar o ocorrido. O professor consultou então psicólogos das duas culturas sobre qual seria a forma mais adequada para fazer essa comunicação. Embora ambos tenham afirmado ser uma resposta difícil que dependia de cada um, o psicólogo francês considerou que geralmente o anúncio deve ser feito rapidamente, enquanto a psicóloga brasileira insistiu na necessidade de preparar a pessoa, o que levou Orsoni (2003) a concluir:

Na França, trabalha-se as palavras. Como se vai dizer? Que palavras se vai utilizar? Em qual ordem? Anuncia-se muito rapidamente a notícia para, em seguida, trabalhar as emoções. No Brasil, tentar-se-á progressivamente levar o interlocutor a estar pre-

⁹¹ <http://www.patrick-charaudeau.com/Reflexions-sur-l-identite.html>.

parado, a adivinhar o que se quer dizer. Prepara-se e trabalha-se através de improvisações, seguindo as reações do ouvinte.

As estruturas do discurso tomam, então, duas formas diametralmente opostas. No Brasil, a introdução ocupa um lugar dominante e pode até constituir a parte essencial de um discurso. A intenção do locutor o leva a preparar o ouvinte, com uma progressão das especificações das causas da decisão ou do acontecimento, sem obrigatoriamente concluir. Cabe ao ouvinte tirar conclusões e consequências. O discurso toma, então, a forma: causas, anúncio (pode ser implícito), consequências (podem ser explícitas).

Na França, é em geral *ex-abrupto* que os fatos ou a decisão são anunciados para, em seguida, examinar-se as causas e as consequências. O discurso terá, então, a seguinte estrutura: anúncio, causas, consequências. Na cultura francesa, a atenção do locutor é, pois, dirigida sobre as palavras a fim de apagar os traços afetivos, enquanto que, no Brasil, ela recairá muito mais sobre o interlocutor (ORSONI, 2003, p. 134-135).

Extremamente interessante também é constatar como franceses e brasileiros, na pesquisa de Orsoni, perceberam e receberam as formas de agir da outra cultura relativamente à forma de comunicar a perda de um ente próximo:

As percepções na situação intercultural do auditório são diferentes, mas, paradoxalmente, as conclusões podem ser as mesmas. Um francês que ouvir um brasileiro poderá pensar, por exemplo, que ele é demagogo, que está enganando o auditório, que ele se utiliza desses desvios de linguagem para melhor esconder as verdadeiras causas e consequências, pois ele não anuncia diretamente o que ele tem a dizer. Posteriormente, ele pensará que o enunciador certamente lhe quer mal, que lhe esconde alguma coisa ou que pretende lhe mostrar crueza. Um brasileiro que ouvir um francês falar pensará que as causas lhe são escondidas, pois não são explícitas. O locutor mostra, nesse caso, crueza. Num caso de decisão, ela é autoritária (ORSONI, 2003, p. 135).

Essa comunicação, vista como mais indireta, mais evasiva, também é enfatizada, sob outros ângulos, no diálogo do vídeo “Como o BRASIL nos MUDOU - Perdidos no Brasil PODCAST#5”, entre Paul Cabannes e Tim, um americano que mora no Brasil, em seu canal do YouTube Tim explica:⁹²

Paul: Eu acho também que a coisa que muda bastante, aí já é mais específico do Brasil, é que o Brasil é uma cultura [...] que tem uma comunicação mais flexível. As pessoas no Brasil são muito boas em falar com tato, diplomacia, que, às vezes, chama de jogo de cintura também. Isso eu aprendi bastante. Eu melhorei bastante.

Tim: Brasileiros sabem achar um jeito. Vai dar certo.

Paul: Mas aí você tá falando das coisas da vida, mas eu tô falando particularmente do jeito de falar.

Tim: Como assim?

⁹² https://www.youtube.com/watch?v=wahs_F6ALos.

Paul: Por exemplo, você não fala as coisas na cara das pessoas aqui, você não fala não, por exemplo, de maneira direta. Você fala assim...hum, é que, é que eu tinha pensado, talvez, ia visitar minha tia, entendeu?

Tim: E você acha uma coisa boa ou ruim?

Paul: Eu acho uma coisa boa, sim, porque é por conta disso que o Brasil é uma cultura que é muito mais receptiva e agradável [...] na França, eu vejo que você fala com pessoas e você vai levar uns tombos, aqui é tudo algodão, sabe, eu falo com as pessoas e parece que tudo flui, você nunca leva um tapa na cara porque a pessoa não é direta.

Várias outras observações sobre essas diferenças interculturais relativas ao uso do discurso são igualmente constatadas em outros vídeos, como no vídeo “Gringos queriam saber isso ANTES de se mudar pro Brasil” – uma parceria do canal de Paul Cabannes com o canal **Olá Brasil!** de Alexis, um francês que se intitula “francês do Paraguai”:⁹³

Paul: Aqui a gente tem que ter jogo de cintura no Brasil. Quantas vezes eu falei as coisas ao jeito europeu, à moda europeia, e aqui não pega, é simples assim, não pega... Por exemplo, eu comecei a trabalhar como representante comercial, eu estava precisando de um arquivo, um PDF, e o cara demorava a me mandar, e demorou bastante, demorou vezes, várias vezes, acho que duas ou três vezes, aí a quarta vez, eu falei pra ele de um modo que era seco. Não deu certo. Ele foi reclamar ao chefe, ele falou assim que eu era, sei lá, que eu tinha um comportamento muito rude e tal. E eu aprendi a definição da palavra jogo de cintura. Depois eu aprendi a falar as coisas mais suave.

Alexis: Muitos europeus têm problemas em trabalhar em empresa com brasileiros por causa disso, [...] Eu já ouvi várias histórias disso... muitos brasileiros vão trabalhar aqui na Europa e ficam muito ofendidos no início. Eles acham que todo mundo é contra eles, que ninguém gosta deles por causa disso...

Se, de um lado, a habilidade de dizer as coisas de uma maneira que não constranja, choque ou agrida o interlocutor é buscada pelos brasileiros, e considerada uma característica cultural do país por ambos, de outro, há um uso da linguagem, bastante comum no Brasil, que costuma surpreender e/ou incomodar os estrangeiros. São os casos de convites que parecem apontar para uma perspectiva performativa, fazer acontecer determinada coisa, mas que na verdade têm uma mera função fática, fundada tão somente na interação com o receptor, sem nenhum horizonte de ocorrência factual obrigatória:

Alexis: Eu queria ter sabido das falsas promessas.

Paul: Ah, eu ia falar disso também...

Alexis: Vamo marcar? Vamo viajar pra lá todo mundo junto? Vamo fechar o projeto? Quantas vezes eu tive proposta de atuar num filme, de fazer um projeto de não sei o quê, e eu me empolgava cada vez porque pra mim era tipo, porque na Europa quando a

⁹³ https://www.youtube.com/watch?v=2IYb-a_bEZk.

gente já começa a falar pra alguém de um projeto de trabalho, [...] a gente já está muito dentro, sabe, a gente não vai falar muito antes de ter certeza, sabe, a gente fica mais assim. E no Brasil as pessoas te jogam o negócio como se estava lá nas estrelas, só que o negócio nem começou...

Paul: É uma questão de grau de certeza igual você falou, aqui no Brasil não tem problema às vezes de falar, mesmo se o projeto está no estado de sonho ainda, nem é um projeto.... na França não, porque como a gente tem essa cultura de ter, de dar muita literalidade às palavras, a gente mede bem o que a gente fala, e aí acaba sendo diferente...

A habitualidade dessa posição brasileira mais evasiva e descomprometida leva a um cuidado mais minucioso na redação das normas e leis exigindo um detalhamento e uma circunscrição delimitados. Esse tipo de redação legal difere bastante no Brasil e na França. Ao comparar as estratégias de escrita de textos regulamentares das administrações públicas e privadas francesas e brasileiras, Orsoni (2003, p. 137), na pesquisa supracitada, constata que “A intenção do escritor, própria à cultura do Brasil, é a de, sobretudo, evitar qualquer outra interpretação que não a dele próprio. Isso deve-se ao fato de querer evitar quaisquer outras utilizações diferentes daquelas que salientam as suas intenções. Ele deve, pois, proteger-se dos usuários”. Já os franceses vão buscar uma redação coerente com o intuito de fixar o contexto, sem descrevê-lo inteiramente nem ficar supondo um possível mau uso interpretativo que o outro possa vir a fazer.

No que tange ao uso do discurso para fazer valer seus direitos, reivindicá-los junto aos poderes públicos ou privados, há igualmente uma diferença radical de posições entre brasileiros e franceses, ambas as culturas tendo traços positivos que, quando exagerados, se revelam negativos. Ilustração desse fenômeno encontra-se nos comentários do vídeo “As coisas que minha esposa brasileira não gosta na França”⁹⁴ do canal Olá Brasil! onde Alexis entrevista sua mulher Carol:

Carol: Bom, tem uma característica muito forte nos franceses que é essa alma rabugenta dos franceses.

Alexis e Carol: Rabugentismo.

Carol: Rabugentismo é uma habilidade de reclamar de absolutamente tudo, que tem um outro lado positivo, eu acho, deles exercerem o direito deles.

Alexis: É pesado.

Carol: Mas ao mesmo tempo é pesado.

Alexis: É chato.

Carol: Porque eles não usam isso só para o exercício de cidadão deles.

Alexis: É pra tudo, o tempo todo...

⁹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=YCmsU8r2Plg>.

Carol: Eles usam pra tudo na vida, entendeu? Então até pra vida em família, em amigos, é sempre... parece que nunca agrada, sabe...

Alexis: É uma grande diferença que eu achava quando eu cheguei no Brasil justamente. Eu achava: Nossa! Ninguém reclama de nada? As coisas não estão funcionando e todo mundo tá de boa. Na França, as coisas estão funcionando ainda bem, e nossa! mas é uma reclamação de cada coisa, é uma das coisas principais que eu não quero voltar a morar na França, esse ambiente pesado de reclamar de tudo, tudo, tudo, sempre, reclamar não só das coisas, mas das pessoas também, o tempo todo.

Carol: Eu acho que o equilíbrio entre a França e o Brasil seria legal.

Alexis: Exatamente

Carol: Um meio-termo, porque o brasileiro aceita muito demais quando ele devia se posicionar mais e reclamar das coisas, e a França é o oposto, então,

Alexis: É lá do outro lado da barra. A França já passou a linha já.

Carol: Um equilíbrio talvez fosse legal,

Alexis: Total.

Carol: Porque o brasileiro é muito mais easy going, muito mais leve.

Alexis: A gente é totalmente o oposto nesse ponto.

Ainda no âmbito da linguagem e do comportamento, um outro traço significativo e contrastante passa pelo conceito do que é ser educado em cada uma das culturas, e mais uma vez as palavras são priorizadas pelos franceses, enquanto os gestos e os tons são mais valorizados pelos brasileiros:

Quando eu era jovem, a minha mãe sempre me incentivava a sorrir. Quem está falando essa frase não sou eu, mas são vários amigos brasileiros que eu conheço aqui no Brasil. Eu confesso que faz sentido pra mim, porque eu vejo que a maioria dos brasileiros que eu conheço se esforçam realmente para ser calorosos, para ser empáticos. E agora vem a parte que você não vai acreditar. Na minha infância, nunca ninguém me incentivou a sorrir. Nunca eu nunca ouvi essa frase, tipo, Paul, você tem que sorrir mais. É algo que eu tive que aprender no Brasil e, de fato, eu aprendi realmente a sorrir enquanto eu falo, a sorrir mais, é uma coisa que eu tive que aprender. Eu falava desse jeito, mais sério, e era mais assim.

E então o que que é ser educado na França? Usar as boas palavras, particularmente tem quatro palavras: Bonjour, na hora de chegar em qualquer lugar; S'il te plaît ou s'il vous plaît, Merci, au revoir, por favor, obrigado, tchau.

Tem pessoas que falam “je veux”, “eu quero”, literalmente, a gente nem fala assim, a gente fala “je voudrais” e também é importante conhecer essa palavra.

E até no whatsapp muitas vezes no Brasil, eu recebo links [...] e a pessoa nem fala bom dia ou assim “aqui segue um link que eu achei que poderia te interessar”. Isso é muito interessante porque na França é muito mal-educado fazer isso, você tem que falar bom dia e esse tipo de frase que eu acabei de falar [...] uma grande importância é dada ao uso de palavras, a palavras certas, [e no Brasil] é o calor humano que prevale.⁹⁵

⁹⁵ Vídeo “5 DIFERENÇAS CULTURAIS COM A FRANÇA! #2”

A polidez na França, compreendida como amabilidade e como traço de civilidade, acentua um uso determinado do discurso nas interações sociais, ainda que o tom de voz nem sempre possa parecer muito gentil a um estrangeiro. No Brasil, em contrapartida, as interações costumam dispensar o uso de certos protocolos de linguagem, mas não raro o tom é mais leve e mais cordial. Numa percepção intercultural, as falas brasileiras podem parecer abruptas e não tão educadas para os franceses.

Os franceses, em convívio com o Brasil e com os brasileiros também costumam ressaltar comportamentos bastante distintos em relação ao corpo e à liberdade de expressão que passa pelo gestual e pelo uso do corpo:

Na França eu não me sinto livre como eu costumo me sentir livre aqui. Aqui parece que eu posso ser quem eu quero, eu posso fazer o que eu quero. Tipo se eu quero andar assim na rua com um short eu posso. Se eu quero botar meus cabelo rosa, eu posso, se eu quero tipo andar completamente fantasiada na rua, eu posso, porque eu sou no Rio e aqui ninguém se importa ni mi, ninguém vai olhar como que eu sou, minha aparência, eu posso gritar na rua, eu posso cantar na rua, eu posso até dançar na rua, ninguém se importa da minha vida.

Os franceses se importam de você, e vão reclamar de você, e vão julgar você, e vão falar sobre você, vão te comentar, vão te olhar, ai, é chato...⁹⁶

Essa nova possibilidade de ser, essa outra postura corpórea acaba por poder ter incidências sobre a vida sexual:

Aqui no Brasil, eu descobri minha sexualidade, eu tive 33 anos quando eu cheguei, porque vocês têm uma relação com a sexualidade que está muito mais aberta, muito mais simples, mesmo se tem o problema da hiper-sexualização aqui nesse país, é bem diferente e não tem tão tabu que no meu país.

Aqui também eu descobri uma liberdade sobre meu corpo que eu nunca tive no meu país, porque vocês têm essa questão de se assumir muito mais, de se julgar muito menos, e dá uma liberdade incrível.⁹⁷

Habitar seu corpo passa por aprendizados culturais que são inculcados por cada uma das culturas desde o nascimento. Há uma grande determinação do que se pode ou não fazer com o corpo, do que é aceitável e do que não é. Aprender uma língua-cultura estrangeira desvela a que ponto somos culturalmente formatados, e nos dá a possibilidade de vivenciar alteridades e exercer novas escolhas.

<https://www.youtube.com/watch?v=yDr8UvO8VIU&t=21s>.

⁹⁶ Vídeo “Porque NAO QUERO MAIS VIVER NA FRANÇA - Uma Gringa No Brasil”. <https://www.youtube.com/watch?v=Hnh75hYOVjE>.

⁹⁷ Vídeo “Como o BRASIL ME MUDOU” – Uma Gringa No Brasil. <https://www.youtube.com/watch?v=xoepLg8P5VQ>.

Somos objeto de um saber e de um poder em todos os âmbitos da existência. Vivemos tempos e espaços distintos e os conotamos diversamente. A relação que se estabelece com o tempo, no Brasil, por exemplo, é acentuada no vídeo “5 Diferenças culturais com a França”, do canal de Paul Cabannes:

Bom dia, Galera, tudo bem? Eu sou Paul da França e vou falar sobre diferenças culturais.

A primeira diferença que eu vou falar hoje é a questão da relação ao tempo. Quando você está no Brasil, fora o contexto profissional que 8 horas é 8 horas, que eu percebi. Mas no contexto pessoal, se eu te dar um encontro às 8h da tarde ou da noite, por exemplo, chegar às 9hs não é uma coisa absurda, não é uma coisa que é, tipo abusada, né?

Na França, em relação a isso, quando você tá convidado a ser chegado às 8h, tem que chegar ou às 8h ou às 8h15. Mas essa relação ao tempo, ela é muito mais rigorosa na França e nos países da Europa de forma geral do que no Brasil.

Tudo o que eu vou falar hoje não é uma crítica nem da França nem do Brasil, ok? Eu estou explicando as diferenças culturais que eu percebi, também não é uma coisa que eu tô falando assim absolutamente verdade, mas assim, só pra falar que eu não estou fazendo uma hierarquia... [...]

Mas, por exemplo, sobre essa questão de tempo também, um outro exemplo, eu dei, uma semana depois de ter chegado no Brasil, eu dei uma festa, um jantarzinho assim pra pessoas que, nem era um jantar, era um café da tarde pra pessoas que eu tinha conhecido rapidamente. Assim eu falei, bom, vem na casa, vai ser um primeiro círculo de amizade, digamos.

Eu convidei às 3hs. Todo mundo chegou às 6hs. Só que eu tinha feito a besteira de aceitar um outro compromisso às 7hs. Aí quando chegou 7 hs, eu falei pra todo mundo: “Bom, eu agradeço todos pela presença, eu não vou poder permanecer aqui porque eu tenho um compromisso. Mas ficam na minha casa, minha esposa está aqui, não tem problema”. Aí todo mundo foi embora, lógico. E todo mundo ficou muito chocado. Até hoje eu sinto vergonha. Ninguém nunca mais me ligou, ninguém nunca mais mandou whats pra mim... eu acho que dessa vez foi erro mesmo, mas eu aprendi depois infelizmente.

Se, no Brasil, há uma relação mais tranquila, menos pressionada com os horários, este traço pode descambar para o exagero e vir a ser sentido como beirando o desrespeito por um francês. Por outro lado, essa relação francesa mais estrita e estreita com o tempo pode ser interculturalmente percebida como constrangedora e bastante estranha por um brasileiro.

Além da dimensão do tempo, as percepções do espaço, sobretudo no que tange aos imaginários de país, concebido como o território próprio de uma nação, são muito reveladoras de traços bastante complexos da relação do brasileiro com seu país, tal como constatado por franceses que vivem no Brasil:

Tem uma coisa quando eu morava em Maringá, e é a mesma coisa aqui em São Paulo, é que quando eu pego o Uber, o Uber sempre estranha que eu, gringo, prefira morar no Brasil do que no meu país que é a França. E então sempre tem essa pergunta; “Mas cara, não é melhor viver na França?!”

[...] Eu vou explicar porque eu não escolhi voltar pra França. [...] ⁹⁸

Ou ainda:

No vídeo de hoje, eu vou te dizer porque eu não quero voltar ao meu país. Isto é uma pergunta que volta sempre. Tem sempre um brasileiro que está chocado, tipo por que que você tá aqui?! por que você não tá voltando no teu país?! por que que você prefere ficar no Brasil?! Eu prefiro porque eu tou apaixonada de vocês, mas também tem algumas coisas na França que eu não gosto.

Tudo o que eu vou dizer agora não é uma generalização de meu povo, dos hábitos de meu povo, da vida de meu povo, é só da Laetitia, tá? São coisas que eu não gosto na meu país e que não me dá a vontade de voltar, tá? Mas acima de todo isso, eu quero dizer que eu amo meu país, eu tou muito orgulhosa ser francesa, só que, desculpa, não tem como competir com o Brasil, não tem... ⁹⁹

Nesses excertos, observa-se nitidamente o desprezo e a não valorização que o brasileiro, em geral, tem pelo país, chegando a considerar inacreditável que um estrangeiro faça a escolha deliberada de morar no Brasil. Essa posição subjetiva encenada por boa parte da população denota o sentimento de inferioridade e de menos valia do brasileiro diante do estrangeiro, considerando tudo o que é de fora melhor que o nacional. Esse fenômeno é conhecido como complexo de vira-lata, expressão criada pelo dramaturgo Nélson Rodrigues que dá conta do autopreconceito e do narcisismo às avessas vividos pelo brasileiro.

Entretanto, são muitas as razões elencadas por franceses para preferirem viver no Brasil, e o clima é uma das justificativas recorrentes:

Tem a questão do clima. Eu prefiro sol do que chuva e frio. Isso eu acho que, sei lá, 99% das pessoas são assim e quem vai pra França sofre com isso. E se você falar “não, eu gosto de frio, eu gosto disso, eu quero saber se você já morou num país frio, porque, pera aí, passear num país que tá frio, beleza, mas morar é outra coisa. Eu conheço pouca gente que já morou num país que é frio mesmo, tipo vários anos, tô falando assim, e falam assim “não, eu realmente gosto de frio”. Conheço poucas pessoas, geralmente as pessoas gostam de calor.

[...] Mas, enfim, são alguns motivos, mas o que eu percebo é que gringo que vem morar aqui no Brasil, é difícil ele querer ir embora, geralmente ele vai embora quando

⁹⁸ Vídeo “Mas não é MELHOR viver na França Paul ?”

<https://www.youtube.com/watch?v=HW0k19ApdFw&t=1s>.

⁹⁹ Vídeo “Porque NÃO QUERO MAIS VIVER NA FRANÇA” – Uma Gringa No Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=HNN75hYOVjE>.

a situação econômica dele tá ruim [...] Mas quem conseguir uma vida legal, um certo conforto, geralmente o cara fica no Brasil. Veja com os outros gringos, geralmente é assim. E aí os brasileiros que vão pra França geralmente eles percebem mesmo que eles podem ganhar mais na França às vezes, só que aí eles voltam às vezes pela saudade, a família, a questão assim da cultura, da comida, essas coisas, eu percebi isso”.¹⁰⁰

Mas o clima também pode ser compreendido como uma atmosfera social, uma vivência do espaço e da cultura nele incorporada que pode ser muito apreciada, como no excerto a seguir do vídeo “Porque eu amo o povo brasileiro” do canal Uma Gringa No Brasil:¹⁰¹

Isso que eu gosto também de vocês é que vocês, parece que vocês não têm vergonha. Eu não sei se é porque eu sou muito do Rio que é uma cidade tipo bem louca, tá, eu sou do Rio. Eu vou falar do povo brasileiro, mas na verdade eu vou falar mais do povo do Rio, né, porque é isso que eu conheço. Mas o povo do Rio, as pessoas não têm vergonha de gritar, de chamar, de fazer as coisas, tipo ocupar o espaço, existir.

E a gente na França é mais tipo medroso de se exprimir na rua, de se expressar na rua. Vocês não. Vocês são muito demais. Mas eu já ouvi falar que pra as pessoas que são fora do Rio, o povo do Rio é muito demais, é muito bagunçado, é muito ahhh gritando, xingando, falando mal, blablabla.

Eu adoro isso. Na verdade, eu adoro. Cada vez que eu saí do Rio, quando eu cheguei, eu fiquei com muita muita felicidade, ouvir as pessoas gritando na rua. Eu acho que eu sou da bagunça na verdade. O Rio é meu lugar porque eu sou da bagunça, eu adoro a bagunça, e Rio é o lugar da bagunça. Mas na verdade verdade minha cidade se chama Marseille, ela é bem conhecida, tá, e Marseille parece um pouco com o Rio porque ela é uma cidade da bagunça. Então eu sou bagunça.

A vivência em outro país ajuda a atenuar, senão a fazer com que desapareçam certas características difíceis da cultura de origem, como por exemplo as complexas relações com a ascendência e a linhagem que existem na França e que causam uma enorme tensão e bastante desgaste:

Aqui eu descobri o que significa ser privilegiada, porque aqui no Brasil eu sou uma pessoa muito privilegiada, do fato que eu sou branca, que eu pareço rica, porque eu venho de fora, tenho dinheiros da França, porque eu tou morando numa casa grande na Santa Teresa. Eu tenho muito privilégio que eu não tenho na França, porque na França eu sou de uma classe meia que sempre foi um pouco embaixo. Eu cresci numa comunidade, eu sou árabe e ser árabe na França é como se você não fosse branco, então, tem uma diferença do tratamento. E aí quando eu cheguei aqui eu descobri porque eu fiquei no outro lado. Pra mim, foi um choque porque eu nunca foi essa pessoa privilegiada, eu foi com muitas coisas, porque eu sou clara com olho azul,

¹⁰⁰ Vídeo “Mas não é MELHOR viver na França Paul?”

<https://www.youtube.com/watch?v=HW0k19ApdFw&t=1s>.

¹⁰¹ <https://www.youtube.com/watch?v=1sccM-4jN6Y>.

porque eu sou heterossexual, eu tive outros privilégios, mas aqui eu descobri, isso me fez ter essa consciência de o que significa ser privilegiada e o que fazer com esse privilégio e qual é a minha responsabilidade.¹⁰²

E em outro vídeo, ela acrescenta:

O que eu gosto também nesse país é que não tem a islamofobia. Eu sou árabe, minha família é muçulmana. Eu não sou muçulmana porque eu não acredito em nada, desculpa mas eu não sou muito ligada nisso, mas na França isso que é muito pesado é a islamofobia, o racismo da França. Aqui no Brasil tem racismo, tem muito racismo, infelizmente.

Na França tem também, talvez menor que no Brasil [...] eu acho que tem menos racismo, ele é bem diferente daqui [...] mas tem essa islamofobia que ela é muito institucional. O governo é islamofóbico. Isso pra mim é muito chato, muito difícil, porque parece que meu país está fazendo a guerra com os muçulmanos que não são pessoa ruim, que são pessoas maravilhosas na verdade. No mundo inteiro tem um problema com essa islamofobia que eu não vi aqui no Brasil. Isso me deixa um pouco mais tranquila mesmo se eu não sou a pessoa que vai sofrer disso.

É só pelo fato que eu venho de uma família muçulmana, que eu sou árabe. Também falando disso, dos problemi, da religião, na França a gente tem uma guerra, porque tem os atentá, tem as bombas que faz com que você anda com medo, é uma verdade, a gente foi muito machucado por os últimos atentá que aconteceu na França [...]¹⁰³

Se no Brasil, a questão da cidadania, no cotidiano, está longe de ser algo “adquirido”, nem todos tendo o mesmo direito a ser cidadãos, havendo imaginariamente brasileiros de primeira classe e outros considerados de última categoria, e havendo igualmente um racismo estrutural camuflado por uma fumaça de cordialidade, por outro lado, não há nenhum questionamento quanto à nacionalidade, posto que quem nasce no Brasil é sem dúvida brasileiro. Na França, entretanto, embora se nasça no país, nem todos têm o direito e o acesso à nacionalidade de modo igualitário. Imaginariamente, há os “franceses” e os “franceses franceses”, os primeiros oriundos da imigração africana e islâmica, os segundos, ditos franceses da gema (*Français de souche*), tendo uma linhagem francesa há muitas gerações. Assim, há uma espécie de negação da nacionalidade desses “franceses” que não são considerados tão franceses quanto aqueles cuja ascendência tem uma tradição mais marcadamente francesa.

CONCLUSÃO

¹⁰² Vídeo “Como o BRASIL ME MUDOU” - Uma Gringa No Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=xoepLg8P5VQ>.

¹⁰³ Vídeo “Porque NAO QUERO MAIS VIVER NA FRANÇA” – Uma Gringa No Brasil

<https://www.youtube.com/watch?v=HNH75hYOvjE>.

Os excertos apresentados neste trabalho demonstram claramente que não há cultura sem suas qualidades, suas singularidades, mas também sem suas perversidades, seus lados sombrios. O trabalho com os imaginários sociais de cada língua-cultura e com suas diferenças culturais coloca em evidência certos traços da cultura de origem, e aquilo que era vivido de forma inconsciente passa a ser explicitado, dando ao sujeito a possibilidade de uma nova inserção em sua própria cultura. Por outro lado, o trabalho com aquilo que difere na cultura estrangeira descortina novas dimensões de atuação subjetivas e sociais.

Assim, é indispensável fomentar uma formação na língua estrangeira que, tendo a língua e a cultura maternas como aliadas para a aquisição dessa outra língua-cultura, prepare para a diversidade dos imaginários sociais e suas práticas numa perspectiva intercultural, focando-se nos sistemas de valores, nos modos de vida, nos ritos sociais, nas convenções discursivas, nos comportamentos verbais e não verbais presentes nas interações sociais em cada contexto cultural.

A exploração desses aspectos interculturais se revela muito interessante e costuma mobilizar significativamente os aprendizes de uma língua estrangeira. Para além da constatação do que é melhor ou pior em sua própria língua-cultura, há a compreensão de que sempre se pode ser e fazer diferente, desnaturalizando-se os modos próprios ou alheios enraizados nas culturas e abrindo-se o horizonte para novos olhares com outras perspectivas. Aprendem-se saberes, mas igualmente um novo saber-fazer e saber-ser. Aprende-se que tudo pode ser diverso, o que é sempre bastante enriquecedor e construtor de novas subjetividades e sociabilidades.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Réflexions sur l'identité culturelle. Un préalable nécessaire à l'enseignement d'une langue*. In: GABRY J. et alii. *Ecole, langues et modes de pensée*, Paris: CRDP Académie de Créteil, 2005.

MESCHONNIC, Henri. *De la langue française*. Essai sur une clarté obscure. Paris: Hachette, 1997.

ORSONI, Jean-Luc. Pistas de trabalho para uma comparação dos discursos em português do Brasil e em francês. In: PRADO, Ceres & CUNHA, José Carlos (orgs). *Língua materna e língua estrangeira na escola – o exemplo da Bivalência*. Belo Horizonte: Autêntica: CEAL: FaE: UFMG, 2003.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e Identidade: elementos*

para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 231-261.

SERRANI, Silvana. *Discurso e cultura na aula de língua – Currículo, Leitura, Escrita*. Campinas: Pontes, 2005.